

Extract of Branca Henriques's prosecution. Lisbon, 1700-1702.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, trial no. 527, fls. 7-44v.

M.^{to} III.^{es} S.^{res}

Contra Branca Henriques, cristã-nova, mulher de João Tavares Pacheco, estudante, natural e moradora nesta cidade, na Rua das Mudanças, ofereço a Vossas Mercês, em seus originais, os testemunhos de:

1. Ignes de Mendonça, negra, escrava, em 3 de Julho de 1700
2. Catherina Henriques, 23 de Julho d.^o
3. Mariana de Jezus 29 de Julho d.^o
4. Domingas Marques – 1 de Setembro de 1700

Dos quais jurados e ratificados com crédito, sem dizerem ao costume, consta que a delata Branca Henriques costuma, em se levantando da cama, cobrir a cabeça e, sem contas na mão, rezar em voz baixa, sem que se lhe percebam as palavras que pronuncia, o que umas vezes obra só em sua casa, e outras em companhia de sua mãe e irmãos, que todos juntos, na sobredita forma, fazem a mesma cerimónia, tendo alguns deles livros nas mãos, e que tendo a delata a cabeça coberta só enquanto faz a dita reza, costumando sempre trazê-la descoberta.

E ainda que este facto de cobrir a cabeça e rezar em voz baixa seja de si indiferente, contudo, no caso presente, se acham circunstâncias que evidentemente concluem que a delata obra o sobredito por cerimónia judaica.

A primeira é ser a delata cristã-nova e rezando em voz baixa com a cabeça coberta, sempre com as mesmas circunstâncias, descobrindo a cabeça logo que acaba de rezar; juntamente se presume reza algumas orações judaicas que, com a cabeça coberta, costumam rezar os judaizantes, como muitos têm confessado, e não os católicos que, para o fazerem com mais decência, é ordinariamente com a cabeça descoberta.

A 2^a circunstância é que a delata muitas vezes fez o sobredito em companhia de sua mãe e irmãos, que todos se ajuntavam e faziam o sobredito com algum recato, também semelhantes ajuntamentos são mais usados nos observantes da lei de Moisés, que os costumam fazer para

falarem na sua Lei e melhor se instruírem nela.

A delata é irmã dos Lagunas que, há poucos dias, fugiram desta cidade com o temor de serem presos, receosos de que por esta e outras cerimónias se viesse em conhecimento do seu delito, e ordinariamente, quando acabavam de fazer a dita reza, iam logo dar em uma cruz com umas disciplinas, com que parece que uma e outra cousa obravam com ânimo herético.

E também devem Vossas Mercês atender a que esta prisão poderá ser muito proveitosa à justiça, descobrindo-se outros muitos delinquentes, como se tem visto muitas vezes, procedendo-se por semelhante denunciação de cerimónias, e como esta está legitimamente provada com o dito de 4 testemunhas, todas cristãs-velhas, sem defeito algum no seu crédito, portanto:

Requero a Vossas Mercês decretem a prisão dos cárceres secretos, com sequestro de bens, à delata Branca Henriques, e deles seja processada na forma do Regimento. [...]

[...]

Aos dez dias do mês de Julho de mil e setecentos anos, em Lisboa, nos Estaus e casa do despacho da Santa Inquisição, estando aí em audiência da tarde o senhor Nuno da Cunha de Attayde, mandou vir perante si, dos cárceres da penitência (aonde foi mandada depositar em custódia) a uma negra que, pelo porteiro da Mesa do despacho, tinha de manhã pedido audiência e, sendo presente, por dizer que tinha que denunciar nesta Mesa cousa a ela pertencente, lhe foi dado juranmento dos Santos Evangelhos, em que pôs sua mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e guardar segredo, o que ela prometeu cumprir. E logo disse chamar-se Innez de Mendonça, natural do reino de Angola, escrava de Manoel Gomes, contratador de açúcares, cristão-novo, morador no Mocambo, pera onde foi há um mês, e em cuja casa ela assiste, e diz que não sabe que idade tem, mas lhe parece que terá vinte e cinco anos de idade, pouco mais ou menos, e denunciando disse, digo, e também declarou que ela se vinha apresentar de alguns desacatos e desprezos que tinha feito à imagem de Cristo Senhor Nosso. Pelo que foi admoestada que, pois tomava tão bom conselho como o de desencarregar sua consciência, lhe convinha muito dizer toda a verdade, não impondo sobre si, nem sobre outrém testemunho falso porque, fazendo

o contrário, seria castigada com todo o rigor de justiça, ao que respondeu que toda a verdade queria dizer. A qual era:

Que haverá um ano, pouco mais ou menos, nesta cidade de Lisboa, no Chiado, freguesia do Sacramento, na casa de Manoel Lopez Laguna, cristão-novo, contratador de açúcares para Castela, e irmão de Maria Henriques, mulher de Manoel Gomez, de quem ela, denunciante, é escrava, e em cuja casa assiste e é o tempo que a compraram, indo ela, denunciante, a pôr a mesa aos ditos seus senhores Manoel Gomez e Maria Henriquez para haverem de jantar, com também uma sua criada chamada Marianna de Jesus, mulher branca, natural da banda de além, não sabe terra certa, que agora está jurada para haver de casar com Nicolau Henriques, marceneiro, dissera a ela, denunciante, ante Leonor Henriquez, filha mais velha da dita sua senhora, que terá doze anos de idade, que saísse pera fora, tomando-lhe das mãos os pratos que levava pera a mesa, e então viu ela, denunciante, ao dito seu senhor Manoel Gomez, que estava sentado em uma cadeira lendo por um livro em voz baixa que não entendeu, com um pano branco atado pela cabeça, e fazendo ela, declarante, reparo no que tinha visto e no que tinha passado com a dita Leonor Henriquez, filha da dita sua senhora, dissera à sua companheira, Marianna de Jesus, o que tinha visto, ao que esta lhe respondeu que se não admirasse porque todos os dias ordinariamente costumava ser o mesmo como ela tinha visto muitas vezes, por levar nove anos que assistia naquela casa e serviço, e que desejava sair-se já dela pela não obrigarem a vir jurar no Santo Ofício, porque receava prenderem os ditos seus amos. Depois do que viu ela, denunciante, que os mais dos dias, digo, que todos os dias fazia o dito seu senhor o que acima tem referido, estando só na dita casa. E na mesma forma via que o fazia a dita sua senhora, estando também sentada em uma cadeira lendo em um livro, tendo a cabeça coberta com um capotinho, sem que entrasse na dita casa pessoa alguma mais que os seus filhos, que eram Leonor Henriquez, Anna, Vicente, Francisco e Gaspar, que todos são pequeninos, e ela, declarante, de quem já se não recatava a dita sua senhora, por já se ter saído fora de casa a dita Marianna de Jesus. E que na Quaresma próxima passada deste presente ano, dissera a dita sua senhora a ela, denunciante, que quando fosse confessar-se não desse conta ao confessor de cousa alguma das

que tinha visto, e que pera a obrigar a que assim o dizesse, lhe dera uns brincos de ouro e uma cruz de prata, por cuja causa ela, denunciante, não dera conta alguma a seu confessor.

E que outrossi vira que o dito seu senhor fazia cruces na parede com a mão esquerda e com ela se benzia e, dando alguns passos para trás, abaixava a cabeça e ia beijar a parede. E nesta mesma forma o fazia também a dita sua senhora.

Disse mais que, haverá o mesmo tempo de um ano, estando ela, denunciante na dita casa, vira fazer tudo o acima referido ao dito Manoel Lopez Laguna, cristão-novo, tratante de açúcares, solteiro, alto do corpo, cara cheia, cor morena e traz cabeleira, não sabe a idade que tem; e a Diogo Lopez Laguna, irmão do sobredito, também solteiro, e mais moço, grosso de corpo, cara cheia, e alvo do rosto, não sabe que idade tem; e a Leonor da Fonseca, mãe dos sobreditos, viúva de Manoel (sic) Lopez Laguna. E, estando todos com as cabeças cobertas, sentados em cadeiras, lendo pelos livros em voz baixa, benzendo-se com a mão esquerda, e com ela pondo as mãos nas paredes, fazendo cortesias, dando pera trás alguns passos. E declarou que, nas casas do Chiado em que moravam, viviam os ditos seus senhores com seus filhos no andar de cima, e os ditos Manoel Lopez Laguna, Diogo Lopez Laguna e Leonor da Fonseca nas casas de baixo, com as suas criadas.

Disse mais que, nos dias santos e domingos em que ia à missa com a dita sua senhora à freguesia do Sacramento ou Convento do Carmo, viu ela, denunciante, que nas ocasiões em que o sacerdote levantava a Deus, se não punha de joelhos a dita sua senhora, deixando-se estar assentada, chorando sempre quando se levantava a hóstia, sem que o fizesse no mais tempo que estava na igreja, e que em muitos dos dias santos e domingos deixava de ir à missa, fingindo que estava doente.

Disse mais que, depois que se mudaram do Chiado para a Rua do Mocambo, que haverá um mês, pouco mais ou menos, os ditos seus senhores e os ditos Manuel Lopez Laguna, Diogo Lopez Laguna e Leonor da fonseca, os quais vivem todos juntos nas mesmas casas, ainda que costumam jantar e cear separadamente, vê ela, denunciante, que todos os dias fazem as cerimónias acima referidas, as sobreditas pessoas, estando

todos juntos com as cabeças cobertas e livros nas mãos. Depois do que iam todos a um quintal que há nas ditas casas e açoutavam uma cruz que nele havia com umas disciplinas, o que fazem todos os dias pela manhã e à noite.

Disse mais que, em terça-feira desta semana, em que se contam seis deste presente mês, depois de jantar, estando todas as sobreditas pessoas juntas, excepto Luíza e Joanna, escravas, que estavam na cozinha, chamou a ela, denunciante, a dita sua senhora e lhe disse tirasse de uma caixa que estava na casa uma imagem de um Senhor crucificado, o que ela fez, e entregando-a à dita sua senhora viu que cada uma das sobreditas pessoas açoutara a dita imagem com umas disciplinas, dando-lhe cada uma das ditas pessoas dois açoutes; depois do que a dita sua senhora disse a ela, declarante, açoutasse também a dita imagem, o que também fez por duas vezes em dois dias, dando em cada um deles as ditas duas pancadas na mesma forma em que as ditas pessoas costumavam fazer os mais dos dias, o que ela, denunciante, com efeito fez, com medo da dita sua senhora e das mais pessoas.

Disse mais que, no sobredito dia de terça-feira, vindo pela tarde a dita sua senhora e sua mãe com ela, denunciante, das ditas casas do Mocambo à Rua das Mudanças, às de sua irmã Branca Henriques, casada com João Tavares Pacheco, estudante de Coimbra, que é irmão do dito seu senhor, a visitá-la por estar parida, vindo pelo Chiado abaixo, disseram uns homens que iam passando, que ela, denunciante, não conheceu: Basta, cadela, que vás dando figas para aquela imagem (a qual está ao pé da calçada, em um nicho), ao que ela, denunciante, não respondeu, mas ficou entendendo que os ditos homens falavam com a dita sua senhora, pelas vezes que viu dava as ditas figas quando ia à missa.

Disse mais que nas ocasiões em que ela, denunciante, ia à casa da dita Branca Henriques, acima confrontada, viu que ela e a dita sua senhora, com quem ia, faziam as cerimónias que tem dito, de estarem com as cabeças cobertas e livros nas mãos, rezando; e o mesmo fazia a dita Branca Henriquez em todas as ocasiões em que vinha à casa da dita sua senhora. [...]

[...]

Aos dezanove dias do mês de Julho de mil e setecentos anos, em Lisboa, nos Estaus e casa do despacho da Santa Inquisição, estando aí em audiência

de manhã *ex causa* o Sr. Inquisidor João Duarte Ribeiro, mandou vir perante si a uma mulher, para o que foi notificada, e sendo presente lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos, em que pôs a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que ela prometeu cumprir, e disse chamar-se Marianna de Jesus, cristã-velha, solteira, e está para casar com Nicolau Henriques, marceneiro, filha de João Sylvestre, trabalhador, e Margarida da Silva, já defuntos, natural da vila de Óbidos e moradora de presente ao Salvador, em casa de uma irmã sua chamada Maria da Conceição, e tinha morada em casa e no serviço de Manoel Gomes Vilhena, genro de Francisco Lopes Laguna, e diz será de vinte anos de idade, pouco mais ou menos.

[...]

Disse que haverá dez anos, e os fará para Fevereiro que vem, que veio da sua terra de Óbidos, de uma freguesia chamada São Gregório, junto à vila onde nasceu, em companhia do dito seu pai, para esta cidade, para casa e serviço do dito Manoel Gomes Vilhena, o qual já então era casado com uma mulher chamada Maria Henriques, filha de Francisco Lopes Laguna, já defunto, e Leonor da Fonseca, todos cristãos-novos, conforme ouviu dizer, moradores na Rua das Mudanças, onde esteve alguns anos, e dali se mudaram para o Bairro Alto, para o Beco da Amendoeira, e no tal tempo morava a dita Leonor da Fonseca ao Sacramento, e passado um ano se mudou com o dito seu amo para o Sacramento a viver nas mesmas casas em que morava a dita Leonor da Fonseca, onde estiveram um ano todos juntos, depois de que se mudaram para a Boa Vista todos juntos e, na dita casa, estavam a dita Leonor da Fonseca e seus filhos Manoel Lopes Laguna, Diogo Lopes Laguna, solteiros, Maria Henriques e seu marido, o dito Manoel Gomes Vilhena, e outros filhos pequenos; e das ditas casas do Sacramento se mudaram todos juntos para o Bairro da Boa Vista pelo São João que agora passou, e nesse tempo ela, declarante, largou o serviço dos ditos e veio para casa da dita sua irmã, em razão de tratar de casar com o dito Nicolau Henriques, com quem já estava desposada, e passados poucos dias, e haverá agora oito ou dez, pouco mais ou menos, indo ela, declarante, à casa de João Tavares Pacheco e Branca Henriques, que estava parida, na Rua das Mudanças, onde achou a dita Leonor da Fonseca, mãe da mesma, e vindo nesse

dia o dito João Tavares de Coimbra, se resolveu a dita Leonor da Fonseca a ir para a sua casa, por lhe terem dito os moços, chamados Domingos e Francisco, que duas negras que tinham, chamadas Luiza e Igenes, eram fugidas, pediu a ela, declarante, quizesse acompanhá-la até sua casa e, indo com ela às da Boa Vista, em que já moravam, lhe pediu então a dita sua ama Maria Henriques quizesse ficar na mesma casa um par de dias até que aparecessem as ditas negras. E ficando ela servindo na dita casa por esta razão até o dia de ontem de manhã, depois de virem da missa, lhe disse o dito Manoel Gomes de Vilhena que se viesse embora para casa de Anna Henriques, sua cunhada, filha da dita Leonor da Fonseca, moradora na Confeitaria, ao que ela respondeu que não queria andar de casa em casa, as quais práticas passaram sábado. E no dito dia de ontem de Domingo, depois da missa, como dito tem, lhe disse o dito Manoel Gomes que, pois não queria ir para casa de sua cunhada, viesse para casa da dita sua irmã Maria da Conceição, e duvidando ela fazê-lo, assim pelos não deixar sós, lhe respondeu que viesse porque tinham comprado duas negras para o serviço e as havia de trazer o filho da casa que a havia de ir acompanhando, como com efeito veio até São Paulo, onde o dito Diogo Lopes Laguna lhe disse que viesse embora, pois já tinham caminho direito para se vir para sua casa, que ele ia buscar as ditas pretas à casa de um homem que as vendia, e entende que não compraria tais pretas porque o dito seu esposado, Nicolao Henriques, lhe disse a ela, declarante, que vira no Bairro Alto ao dito Diogo Lopes ontem de manhã sem as ditas pretas.

Perguntada que causa tiveram as ditas Luiza e Igenes, escravas da dita casa para fugirem dela, se lho disseram os seus senhores ou o suspeitaram.

Disse que lhe não disseram causa porque fugiram as ditas pretas, porém suspeitavam que fugiriam porquanto seus amos compraram a dita Luiza dizendo a haviam mandar para Castela, o que a mesma Luiza queria e, vendo que se lhe dilatava a jornada, entendiam que aconselharia a dita Igenes a que fugissem por lhe terem dado às vezes algumas pancadas na dita Igenes, e diziam algumas vezes, quando lhe davam, que haviam de fugir quando eles mais descuidados estivessem, o que ela, declarante, ouviu dizer às pretas algumas vezes no tempo em que com elas concorreu no mesmo serviço da dita casa.

[...]

Perguntada se viu ela, declarante, fazer alguma cousa aos ditos seus amos de que se escandalizasse especialmente em matérias pertencentes à nossa santa fé católica de que haja de dar conta nesta mesa.

Disse que, ainda que nos primeiros anos em que servia ao dito Manoel Gomes e Maria Henriques não fez reparo no que eles faziam, contudo, passados alguns anos, reparou que eles, dito Manoel Gomes e Maria Henriques, faziam umas cerimónias que lhe parecia eram contra o uso que fazem os cristãos-velhos, de que ela, declarante, se escandalizava, e vinha a ser que, todos os dias, e lhe parece que poucos faltariam em que o não fizessem as cerimónias de que quando se levantavam, ou pouco depois, ele, dito Manoel Gomes, atava na cabeça um lenço ou punha uma carapuça e então dizia umas palavras baixas a modo de que rezava sem ter contas na mão e sem se entenderem e, nesse tempo, gastaria o que é necessário para rezar um terço, pouco mais ou menos, e às vezes mais tempo, e acabava a dita reza e procurava fazer sem que fosse visto, e tirava o que tinha na cabeça, e esta mesma cerimónia fazia Maria Henriques, mulher do mesmo, cobrindo a cabeça com a ponta da capa, de sorte que lhe ficasse lugar para poder ler como, com efeito, lia por um livro de menos de meia folha de comprido e maior que de quarto, e também, às vezes, lia o dito Manoel Gomes, não está certa se era pelo mesmo livro, e depois de acabarem o sobredito, descobriam a cabeça e almoçavam, e o mesmo faziam à noite, posto que às vezes deixavam de fazer esta cerimónia, que também faziam de tarde mas com menos frequência, e tiradas estas ocasiões, andavam com a cabeça descoberta ou fosse de Verão ou de Inverno, de que ela, declarante, presumia mal e murmurava disto com as ditas Luiza e Igenes, e com outra preta que também tiveram alguns anos em sua casa chamada Joanna, e deram há poucos tempos à dita Branca Henriques, moradora na Rua das Mudanças.

Disse mais que a dita cerimónia de rezarem com a cabeça coberta viu ela, declarante, fazer também à dita Leonor da Fonseca, mãe e sogra dos ditos seus amos, só com a diferença de que esta tinha as contas na mão, porque ordinariamente as trazia, e também nesta cerimónia concorria algumas vezes o dito Diogo Lopes Laguna, e poucas ou nenhuma o dito Manoel Lopes Laguna, porque estava no seu escritório.

Disse mais que a dita preta Iignes disse a ela, declarante, haverá três ou quatro meses, pouco mais ou menos, que passando por uma casa, sentira que o dito Manoel Gomes, que estava dentro nela, dera em uma imagem, sendo que nem ela, declarante, viu, nem sabe se a dita Iignes viu em que se dera, e lhe parece que, por serem cristãos-novos, tinham a dita suspeita contra eles. E outrossi lhe disse a dita Iignes que, às vezes, via sair o dito Manoel Gomes debaixo da cama, não sabe para que efeito tinha entrado debaixo dela, e dizia a mesma Iignes que mais se fiavam dela do que dela, declarante. E outrossi disse que, às vezes, via as sobreditas pessoas beijar o pão quando comiam, e não davam graças a Deus quando acabavam de jantar ou cear.

Disse mais que as casas em que de presente as sobreditas pessoas moram têm um quintal e nele num nicho de que o dono que saiu das ditas casas levou uma uma imagem que nele estava, e tem umas parreiras e, junto às casas, tem uma cruz de pau, e nos dias que agora esteve com as ditas pessoas, viu que estas se iam às vezes ao dito quintal sem fazer reparo em cousa alguma de que haja de dar conta.

Disse mais que os moços que serviam aos sobreditos chamavam a um Francisco e a outro Domingos, e não sabe se estes faziam reparo nas sobreditas cerimónias e a ambos mandaram sábado passado, ao jantar, para a vila de Abrantes, dizendo que fossem buscar as negras que lhe tinham fugido, por terem notícias que foram para a dita terra.

[...]

[session on 22 June 1700]

Disse que, depois de testemunhar os dias passados nesta mesa acerca de que sabia de Manoel Gomes Vilhena e sua mulher Maria Henriques, e das cousas que lhe via fazer, com que se escandalizava, lhe lembraram outras de que agora vem dar conta, e vem a ser:

Que haverá pouco mais de um ano, em uma quinta de São Sebastião da Pedreira que tinham alugado Manoel Gomes Vilhena e sua mulher Maria Henriques, confrontados no seu primeiro testemunho, o dito Manoel Gomes e seus irmãos Gaspar Mendes, e não sabe se também estavam João Tavares Pacheco e António Henriques, todos entre si irmãos, e seus cunhados Manoel Lopes Laguna e Diogo Lopes Laguna, também confrontados no seu primeiro

testemunho, ataram ou mandaram atar um carneiro com a cabeça para baixo, e todos, ou os mais deles, não sabe quais com espadas nuas, deram no dito carneiro e o mataram, como quem corria patos, e depois de morto o mandaram cozinhar e não se lembra se assado ou cozido, e o comeram com muita galhofa e juntamente com a dita Leonor da Fonseca, mãe da dita Maria Henriques, e com esta, e não sabe se com mais algumas de suas irmãs, Violante, Branca e Anna, que todas três estão casadas com os três irmãos do dito Manoel Gomes Vilhena, e não sabe se fizeram o sobredito por se recrearem na quinta, ou se por alguma cerimônia, nem se lembra se houve mais alguma circunstância nesta matéria.[...]

[...]

Em o primeiro dia do mês de Setembro de mil e setecentos anos em Lisboa, nos Estaus e casa primeira das audiências da Santa Inquisição, estando ali na de manhã, o Senhor Inquisidor Nuno da Cunha de Attayde, mandou vir petante si a uma moça que disse se chamava Domingas Marquez, solteira, filha de João de Avis, trabalhador, já defunto, e de Joana Marques, natural de Santo António do Tojal e ali moradora, e sendo presente, lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos, em que pôs a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que ela prometeu cumprir, e disse ser cristã-velha e de dezasseis anos de idade.

Perguntada pelas gerais, disse que, por haver estado nesta cidade, em casa de Manoel Lopes Laguna, e ouvir que este, em companhia de seus irmãos Diogo Lopes e Maria Henriques, e sua mãe Leonor da Fonseca, e seu cunhado Manoel Gomes Vilhena, se ausentaram desta cidade, e entender o fariam com medo do Santo Ofício, e por serem cristãos-novos, e saber ela, declarante, da sua vida e costumes, por estar dois anos na dita casa, lhe parecia e suspeitava seria chamada a esta mesa para ser perguntada por esta matéria.

Perguntada que tempo assistiu em casa do dito Manoel Lopes Laguna, e em que parte desta cidade morou com ele, e se no dito tempo viu que ele e alguma das pessoas da dita casa, ou alguma outra sua parenta, fizessem alguma cousa da qual deve dar conta ao Santo Ofício.

Disse que ela, como dito tem, assistiu em casa de Manoel Gomes Vilhena, e companhia das ditas pessoas que acima tem dito dois anos, não só

morando na Rua das Mudadas, que seria um ano, mas também no Chiado, por tempo de outro ano, pouco mais ou menos, e que em todo este tempo fez ela, testemunha, reparo em que os mais dos dias, depois que da cama se levantavam, Manoel Lopes Laguna, Diogo Lopes e seu cunhado Manoel Gomes Vilhena andavam passeando pela casa, falando manso, tendo as cabeças cobertas com carapuças, e às vezes panos brancos que embrulhavam o redor da cabeça, sem que ela, declarante, lhes visse trazer nas mãos coisa alguma, o que faziam por espaço de um quarto de hora, depois do que costumavam almoçar e fazer esta mesma cerimónia também à noite, sem que dessem graças a Deus no tempo que jantavam e ceavam, no que tudo ela, declarante, fazia reparo, e uma moça que estava em sua companhia chamada Marianna, da qual não sabe onde hoje assista, nem donde seja natural, e no dito tempo era solteira, por verem não ser aquela a forma em que os católicos costumavam rezar, antes se persuadiam a que faziam as ditas orações por cerimónia judaica, pois eram cristãos-novos.

Disse mais que as ditas cerimónias que acima tem declarado faziam também, na sobredita forma, depois de se levantarem da cama, Leonor da Fonseca, Maria Henriques e Branca Henriques, não só pela manhã, mas também à noite, tendo as cabeças cobertas com umas capinhas pequenas, estando falando em voz baixa sem também que ela, testemunha, lhes visse ter coisa alguma nas mãos, e que também, no tempo que se punham à mesa e acabavam de comer, não davam graças a Deus.

Disse mais que também ela, testemunha, fez reparo em que os filhos de Manoel Gomes Vilhena, chamados Leonor, que seria de treze anos de idade, e Anna que seria de sete, e Vicente, que seria de oito, nunca se encomendavam a Deus, nem rezavam oração alguma da Igreja, e só na ocasião da Quaresma se encomendava sua mãe Maria Henriques a ela, declarante, e à sua companheira lhe ensinassem as orações para se haverem de ir confessar, mas não sabe se as aprendiam porque nunca lhas viu dizer.

Disse mais que também fez reparo que, nas ocasiões em que Maria Henriques dizia estar mal tratada da cabeça, mandava pedir à sua mãe, Leonor da Fonseca, que então morava defronte dela, na Rua das Mudadas, uma fita que tinha atada na perna, a qual lhe mandava a dita sua mãe, e ela a media aos palmos repetidas vezes e depois a enchia quase toda de nós e,

mandando vir um pouco de lume, lhe deitava sal e alecrim, o que ela, declarante, viu estando espreitando, e depois de se perfumar cuspiu muito no lume, e que isto era praticar o quebranto; e declarou mais ela, testemunha, que, sem embargo que tem dito, vira fazer as cerimónias que acima tem declarado a Maria Henriques, Leonor da Fonseca e Branca Henriques, que assim, todos os dias, depois de se levantarem da cama, ainda que a dita Leonor da Fonseca morava defronte da dita Maria Henriques, contudo as ditas cerimónias se faziam indo ela, Maria Henriques, e Branca Henriques à casa de sua mãe, ou vindo esta à casa da dita sua filha, sem que as deixassem de fazer ainda nos dias em que não estavam juntas com a dita sua mãe.

Disse mais que, nas ocasiões em que Maria Henriques e sua mãe Leonor da Fonseca amassavam pão, fez ela, testemunha, reparo e a dita moça sua companheira, Marianna, como faziam separadamente uns bolos e, depois que vinham cozidos do forno, os metiam em um saco e os faziam em farinha, batendo com um pau por cima do saco, o que não parecia bem a ela, testemunha, nem à sua companheira, por representar o pão a face de Deus, e então faziam mistura da dita farinha para fazerem doce; e que estas eram todas as cousas e cerimónias que viu fazer às sobreditas pessoas, de que tem que dar conta nesta mesa, e mais não disse, nem ao costume disse nada.[...]

[...]

Aos vinte e oito dias do mês de Janeiro de mil e setecentos e um anos, em Lisboa, nos Estaus e casa primeira das audiências da Santa Inquisição, estando ali na de manhã o Senhor Inquisidor Luiz Alvares da Rocha, mandou vir perante si a uma mulher que da sala pediu audiência para denunciar nesta mesa cousas a ela pertencentes, lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos, em que pôs a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que ela prometeu cumprir. E logo disse chamar-se Maria da Conceição, casada com Domingos Cardozo, soldado do terço da armada, moradora no Beco dos Gracês, freguesia do Salvador, natural do lugar de São Gregório, termo da vila de Óbidos, e disse ser de trinta anos de idade, e denunciando:

Disse que em dia de São Vicente, que se contaram vinte e dois deste presente mês, foi ela, denunciante, à casa de Branca Henriques, que se diz ser cristã-nova, casada com João Pacheco Tavares, segundo lhe parece, estudante de Coimbra, e a dita Branca Henriques, filha de Leonor da Fonseca, a qual se ausentou desta cidade fugida em companhia de seu genro, chamado Manoel Gomes, e seus filhos, Manoel Lopes Laguna e Diogo, segundo ouviu dizer, moradora na Rua das Mudanças; e como não achasse em casa a dita Branca Henriques, da qual tem conhecimento de casa da mãe da mesma, em razão de haver tido nela uma irmã a que chamam Mariana de Jesus, e porque também ela, denunciante, deu alguns dias de mamar a uma criança da dita Branca Henriques, e falando no dito dia com uma ama de leite que cria uma filha da dita Branca Henriques, porquanto a mesma não estava então em casa, e era de manhã, e não sabe como a dita ama se chama e, segundo tem notícia, é mulher de um pedreiro morador ao Tronco, cujo nome também não sabe, e esta lhe disse, na dita ocasião, que a dita Branca Henriques, pela manhã, digo, ordinariamente à noite, se punha a ler por um livro, em tal forma que rosnava sem que se lhe pudesse perceber palavra alguma, pois a não proferia mais que só o eco do rosnar, e, no dito tempo em que lia, estava cuspindo comumente, de que outrossi, lhe disse, presumia não seria reza de cristãos, senão obra de judeus. E que outrossi lhe dissera a dita ama que uma preta da dita casa, a que chamam Joana, lhe dissera em como a dita Branca Henriques, em muitas ocasiões à noite, estando em pé na casa e passeando nela, e vendo sua sombra na parede por causa da luz do candeeiro, lhe fazia misura e cortesia com a mão, de que também, presumia a dita Anna, seria acção que os cristãos-novos costumassem obrar em razão da sua lei. E que outrossi a dita Anna também lhe dissera que a dita Branca Henriques, quando pela manhã se levantava, punha uma touca na cabeça, e outras vezes coifa, e que achegava perto dos olhos e, nesta forma, chegava à janela e então, em forma que rezava, sem que se lhe percebesse coisa alguma nela, se detinha, não lhe disse que tempo, o que fazia todos os dias e, em outras ocasiões, junto ao leito da casa em que dormia, o que ela, dita ama, entende fazia em alguma ocasião junto ao leito per não causar reparo ser firmemente à janela, e, depois do referido, tira a dita touca da cabeça e só quando põe a coifa, a

deixa andar mais algum tempo do dito dia, o que a dita Anna se persuade ser também por não causar reparo, e que antes do referido não come coisa alguma, nem ela costuma trazer de dia, em a cabeça, coifa, nem touca de ordinário, mais que na forma e ocasiões que se declara.

Disse mais que, na dita ocasião, lhe dissera também a dita Anna que um cabra, que neste Santo Ofício estivera preso, na ocasião em que fugiram os ditos Lagunas acima confrontados, este se pusera em cima de um bofete na casa da dita Branca Henriques e de lá fizera uma pregação, sem que lhe referisse o que o dito cabra dissera, e que fora em presença da dita Branca Henriques, e não está lembrada se lhe disse que mais pessoas assistiram, nem que dissera o dito cabra, e que nelas jurara pela hóstia consagrada, não lhe disse por que causa. E que outrossi dissera o dito cabra que, no tempo de sua prisão, lhe davam neste Santo Ofício a comer sopas de cebola per se não engasgar, e que outrossi o dito cabra dissera também à dita Branca que, se quisesse ir ver seus parentes que fugiram, ele a levaria por terra com segurança, e que também a dita Branca Henriques lhe pedia um livro que lhe havia emprestado, o qual o dito cabra dizia lhe não queria dar, e que ele tinha muita confiança e amizade na casa, e o tratavam com muito amor. E que, depois que saíra deste Santo Ofício, lhe deram na dita casa a dita Branca Henriques e suas irmãs Anna e Violante, casadas Anna com Gaspar Mendes, e Violante com António Henriques, cabeleiras, vestidos e dinheiro que disseram lhes deixaram os fugidos; e que dizia a dita Branca e suas irmãs que sua mãe, Leonor da Fonseca, bem dizia que o dito cabra era de segredo. E que outrossi disse a dita Anna a ela, denunciante, que ouvira dizer ao marido da dita Branca Henriques que o dinheiro todo acabava, porquanto também custara muito o tirar-se o dito cabra do Santo Ofício.

Disse mais que uma linheira, cujo nome não sabe, e mora junto aos baixos das casas do Conde de Cocolim, ou nos mesmos baixos que uma preta que comprara a Gaspar Mendes, marido da dita Ana Henriques atrás declarada, esta lhe dissera que, sendo escrava dos Lagunas que fugiram, estes lhe mandavam que cuspiisse em uma cruz que estava no quintal e que outrossi açoutasse um Cristo com umas disciplinas, o que disse fizera por mandado dos ditos seus senhores, e que a dita preta outrossi dissera que viera a este Santo Ofício e que tudo o que nele dissera e lhe perguntaram

fora dizer à dita Branca Henriques, o que ela, denunciante, ouviu a dita Branca Henriques, em uma ocasião de que não é lembrada, em razão de lhe perguntar se também viera ela, denunciante, jurar a este Santo Ofício. E que estas eram as cousas que tinha de denunciar. [...]

[...]

Aos vinte e seis dias do mês de Janeiro de mil e setecentos e dois anos, em Lisboa, nos Estaus e casa primeira das audiências da Santa Inquisição, estando ali na de manhã o Senhor Inquisidor Nuno da Cunha de Attayde, mandou vir perante si, da sala, a Domingos Maciel, familiar do Santo Ofício, por pedir audiência e, sendo presente, por dizer a pedira para denunciar nesta mesa cousas a ela pertencentesm lhe foi dado o juramento dos Santo Evangelhos, em que pôs a mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que ele prometeu cumprir e disse ser de sessenta e quatro anos de idade, e logo denunciando:

Disse que queria dar conta nesta mesa como se persuadoa a que João Tavares Pacheco, cristão-novo, médico, morador na Rua das Mudanças, casado com Branca Henriques, se ausentaria para fora deste reino em companhia da dita sua mulher, e com António Henriques, irmão do dito médico, casado com uma irmã da dita Branca Henriques, porquanto haverá um ano, pouco mais ou menos, que depois de acabar de se formar em Coimbra, comprara uma mula para haver de curar nesta yerra, e logo, passado algum tempo, a tornara a vender, sem que exercitasse o haver de curar, de que infere ele, denunciante, se quererão ausentar com toda a cautela, e o mesmo entende ele, denunciante, que fará Gaspar Mendes Henriques, morador à Confeitaria, irmão dos ditos e casado com outra irmã da dita Branca Henriques, porquanto, tendo fugido os cunhados e um irmão dos mesmos há pouco tempo desta corte para Amsterdão, donde vivem, e estando carteando-se sempre, como ele, denunciante, sabe, não é falível deixem estes de fazer o mesmo pela experiência que ele, denunciante, sabe de semelhantes casos, e que também pode dar alguma notícia do sobredito Bathezar Alves Moreira, oficial de barbeiro, morador no Beco da Comédia, porquanto vai a casa dos mesmos e falando com ele, denunciante, lhe disse também que entendia brevemente eles se ausentariam para fora do

reino, e ele, denunciante, entende o deixaram de ter feito até agora a respeito de pouca segurança com a ocasião da guerra, e mais não disse, nem ao costume [...]